

Vozes pela mudança

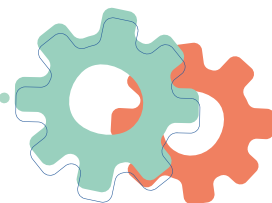
Pedidos das crianças e dos cuidadores para experiências online mais seguras

Executive Summary

Introdução

Num mundo digital em constante mudança, é essencial compreender as experiências das crianças na Internet para garantir a sua segurança online. Tal como referido na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança, as crianças têm o direito de expressar as suas opiniões e estas devem ser tidas em conta em todos os assuntos que lhes digam respeito. Além disso, as crianças estão imersas no mundo online todos os dias. Possuem, por conseguinte, um manancial de conhecimentos e experiências que são essenciais para o desenvolvimento de políticas eficazes.

A ECPAT International, a Eurochild e a Terre des Hommes Países Baixos, no âmbito da Aliança Down to Zero, conceberam o projeto VOICE para ouvir e compreender os pontos de vista das crianças e dos cuidadores sobre a segurança online, com vista a incorporá-los nos debates políticos. O objetivo é desenvolver políticas digitais eficazes e adaptadas às necessidades das crianças.



Metodologia

O grupo condutor do VOICE trabalhou em estreita colaboração com os parceiros nacionais de implementação para selecionar e preparar os participantes. Estes parceiros contactaram as crianças principalmente através dos programas existentes e das escolas associadas às suas organizações. Cada grupo focal de discussão participativa contou com a presença de uma média de 11 crianças. A idade média das crianças era de 14 anos e meio, com uma repartição por género de 53% de raparigas, 44,7% de rapazes e 2,3% de não-binários. Para participar no inquérito, foi necessário o consentimento das crianças e dos seus cuidadores. A metodologia do inquérito foi desenvolvida em colaboração com a empresa Savanta, que envolveu um grupo diversificado de cuidadores nos países selecionados, resultando em 6.618 respostas.

Limites do estudo

É importante ter em conta várias limitações do estudo que podem ter tido um impacto nos resultados:

- Métodos de recolha de dados separados para crianças e cuidadores resultaram em conjuntos de dados não comparáveis ;
- Os inquiridos provinham principalmente de países europeus, o que complica as comparações com outras regiões ;
- Devido a limitações de tempo, os resultados só foram validados pelos facilitadores e não pelas crianças participantes ;
- A metodologia não permitiu analisar separadamente características demográficas como a idade e o género, o que significa que os resultados são apresentados em termos gerais.



Principais observações das crianças e dos cuidadores

O que dizem as crianças sobre as suas experiências online

As crianças consultadas disseram valorizar e apreciar a comunicação e as oportunidades online, nomeadamente quando utilizam as redes sociais. No entanto, afirmaram estar conscientes dos riscos associados ao mundo digital, manifestando preocupação com os efeitos das suas atividades online na sua saúde mental, inclusive quando confrontadas com situações prejudiciais. A este respeito, mostraram-se particularmente preocupadas com a partilha ou utilização das suas fotografias, vídeos e outras informações pessoais online sem o seu consentimento. Pareciam estar mais apreensivas com o impacto dos danos sofridos online no mundo real do que com os danos que permanecem confinados ao espaço digital. As suas principais preocupações eram entrar em contacto com estranhos mal-intencionados e tentar evitá-los, bem como a utilização indevida das suas informações pessoais. Quando questionadas sobre tecnologias de deteção e outras medidas técnicas para manter as crianças seguras na Internet, algumas crianças também referiram a exploração e o abuso sexual de crianças online (EASCO).

O estudo mostra que existe um fosso significativo entre as crianças e os cuidadores quando se trata de saber como se manter seguro na Internet. As crianças não parecem ver a segurança e a privacidade como dois conceitos que se excluem mutuamente, mas como estando essencialmente ligados. Para prevenir ou responder a cenários de risco, explicaram que tendiam a utilizar estratégias de auto-proteção, incluindo o recurso aos mecanismos de segurança das plataformas, como as funções de sinalização e bloqueio. Por outro lado, os cuidadores pareciam estar convencidos de que as crianças falariam com eles se algo perigoso acontecesse no espaço digital. Além disso, embora tenham proposto estratégias diferentes, ambos os grupos consideraram ser os principais responsáveis pela segurança online. De facto, tanto as crianças como os cuidadores tenderam a subestimar o nível de responsabilidade das empresas tecnológicas e dos governos.

As opiniões das crianças são importantes

É fundamental ouvir a voz das crianças para desenvolver políticas que as protejam na Internet. Estas solicitam conhecimento e ferramentas adequadas que as ajudem a navegar em segurança no espaço digital, garantindo o respeito pela sua privacidade e promovendo a sua autonomia. Este estudo permitiu-nos recolher as opiniões das crianças e dos cuidadores, que podem/devem ser utilizadas para tornar melhor a política digital em diferentes níveis de governação, abrindo caminho a experiências online mais seguras.

As crianças e os cuidadores partilharam três mensagens principais:

- **Pretendem obter mais informações em matéria de segurança online;**
- **Querem preservar a sua privacidade e, ao mesmo tempo, estar protegidos contra os perigos;**
- **Querem ser envolvidos na resolução de problemas relacionados com a segurança online.**



Conhecimentos das crianças e dos cuidadores sobre segurança online

As crianças mostraram um elevado grau de tolerância em relação aos riscos que correm na Internet. Embora parecessem estar conscientes desses riscos, apenas 10% disseram que se sentiam inseguras. Algumas pareciam “dessensibilizadas” face à exposição aos riscos e danos online, normalizando a sua ocorrência. Devido a esta elevada tolerância, as crianças podem subestimar os riscos e sobrestimar a sua capacidade para os enfrentar. Para algumas, estes riscos são automaticamente aceites assim que decidem utilizar uma rede social. Por vezes, as crianças consideram mesmo que as redes sociais e a segurança online são mutuamente incompatíveis.

Existe um fosso significativo entre a percepção que os cuidadores têm do comportamento dos seus filhos online e a realidade. A maioria dos cuidadores (quase 90%) considerou estar relativamente consciente dos comportamentos que os seus filhos adotam online. No entanto, tal como se verificou noutros estudos, muitas crianças indicaram que os seus cuidadores não tinham plena consciência da natureza das suas atividades no espaço digital, e que preferiam manter certos aspetos confidenciais. Os cuidadores inquiridos sentiam-se muito confiantes quanto aos seus conhecimentos sobre como manter as crianças seguras na Internet, mas menos confiantes quando se tratava de abuso sexual online. Este excesso de confiança entre os cuidadores foi identificado como um potencial fator de risco, uma vez que sugere que os diferentes tipos de risco online são subestimados.



APELO À AÇÃO

As crianças e os cuidadores instam as escolas, as plataformas e os governos a fornecer-lhes mais informações sobre a segurança online, incluindo uma educação abrangente sobre o assunto, uma maior sensibilização dos utilizadores, sugestões concretas e adaptadas às crianças sobre como se manterem seguras online, e funcionalidades adaptadas às crianças nas plataformas digitais; tudo isto com vista a proporcionar-lhes experiências mais agradáveis no espaço digital.

Relação entre privacidade e segurança online

As crianças associaram repetidamente o conceito de privacidade à importância da proteção de dados, sublinhando que a sua privacidade está garantida desde que as suas informações pessoais estejam protegidas online. Qualquer divulgação de dados e informações pessoais é, portanto, vista como uma violação da sua privacidade, o que sublinha a importância dos parâmetros de confidencialidade e das medidas de proteção de dados. Para elas, proteger a privacidade significa ter palavras-passe fortes e não partilhar informações pessoais na Internet.

Quando questionadas sobre a segurança online, as crianças abordaram a segurança pessoal e a segurança dos dados pessoais. Por exemplo, compreenderam que a segurança online é garantida desde que se evite a partilha de informações e imagens na Internet sem o seu



consentimento e se implementem palavras-passe fortes e outras medidas de proteção de dados. **As crianças tendem a abordar a privacidade e a segurança online sob o mesmo ângulo, o da proteção de dados e informações pessoais.**

Depois de avaliar a compreensão das crianças sobre os conceitos de privacidade e segurança na Internet, o estudo teve como objetivo compreender as suas atitudes em relação às medidas de segurança online. Neste contexto, as crianças manifestaram, com frequência, incerteza quanto à definição destas medidas, mas pareceram compreender os conceitos tecnológicos subjacentes. Citaram exemplos práticos, como mecanismos de verificação da idade, controlos parentais, ferramentas de denúncia e abordagens de conceção segura.



Proteger a segurança na Internet, prevenindo e combatendo o abuso sexual de crianças online

Ao discutir a segurança e a privacidade no espaço digital, as crianças não mencionaram explicitamente quaisquer questões específicas relacionadas com a exploração e o abuso sexual de crianças online. Podem ter tido relutância em expressar essas preocupações, preferindo usar eufemismos como “estranho”, “esquisito” ou “desagradável”, que podem abranger uma série de experiências prejudiciais, incluindo a exploração e o abuso sexual de crianças online.

No que diz respeito às medidas de segurança online, as crianças não parecem compreender plenamente os aspetos tecnológicos da prevenção e do combate à exploração e ao abuso sexual de crianças online.

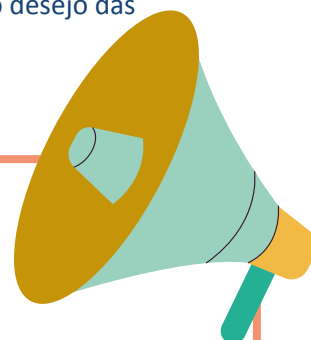
Foi perguntado aos cuidadores até que ponto achavam que as medidas de segurança atuais protegem as crianças da exploração e do abuso sexual online. Menos de metade achou que essas medidas protegem as crianças. Este facto realça a enorme responsabilidade que recai sobre os cuidadores, que sentem que não podem confiar nessas medidas de segurança online para ajudar a proteger os seus filhos.

Enquanto os cuidadores tendem a favorecer a segurança online em detrimento da privacidade quando existe um risco potencial, as crianças expressaram a sua preferência por um equilíbrio entre privacidade e proteção.

De um modo geral, as crianças pediram um equilíbrio entre privacidade e segurança no espaço digital. **Pareceram favorecer medidas de segurança online que deem prioridade à sua proteção sem comprometer a sua privacidade, privilegiando abordagens de conceção segura** como medidas que as impeçam de ver conteúdos inadequados, filtros automáticos para pedidos de amizade e mensagens, e a possibilidade de bloquear e denunciar facilmente conteúdos.



O controlo parental foi, em certa medida, bem acolhido. No entanto, dado o desejo das crianças de manterem uma certa privacidade no que diz respeito às suas experiências online, salientaram a necessidade de estabelecer limites claros.



APELO À AÇÃO

As crianças e os cuidadores querem que as plataformas e os governos assumam maior responsabilidade pela sua privacidade, proteção e segurança online. Tal deve incluir a aplicação de sanções efetivas contra os infratores, a responsabilização das plataformas pelos riscos online, e uma melhor monitorização dos conteúdos. As crianças e os cuidadores querem que as plataformas os protejam contra os perigos da Internet, o que pode ser conseguido através de medidas e parâmetros de segurança adequados, como mecanismos de verificação da idade ou avisos sobre o aliciamento online para fins sexuais e a utilização abusiva de dados.

Partilha da responsabilidade pela segurança das crianças na Internet

Ao falar com as crianças e os cuidadores sobre a segurança online e as suas estratégias para a garantir, é evidente que **ambos os grupos se consideram os principais responsáveis por manter as crianças seguras online**, o que está de acordo com grande parte da literatura existente.

Em particular, **as crianças manifestaram preocupações quanto à forma como as plataformas são atualmente concebidas**. Três em cada quatro crianças envolvidas nos grupos de discussão disseram que sabiam o que fazer se fossem incomodadas na Internet. A maioria das crianças afirmou que é o seu próprio comportamento online que as faz sentir mais seguras. Em particular, têm cuidado com o que publicam, censuram o seu conteúdo e utilizam de forma ativa as funcionalidades de segurança oferecidas pelas plataformas - caso existam. Pode argumentar-se que esta responsabilização das crianças está intimamente ligada ao facto de elas subestimarem o que as plataformas digitais e os governos podem fazer. Além disso, considerações relacionadas com a conceção das plataformas foram frequentemente identificadas como contribuindo para um menor sentimento de segurança na rede. A maior parte das crianças reconheceu que **certas plataformas dificultavam a implementação de configurações de segurança**.

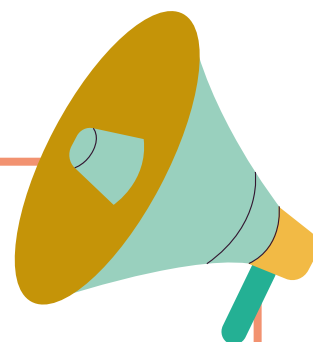
As crianças expressaram sentimentos contraditórios quando lhes foi perguntado se métodos como a censura do seu conteúdo online e a utilização ativa das funcionalidades de segurança fornecidas pelas plataformas funcionavam. Manifestaram preocupações quanto ao facto de as pessoas criarem novas contas depois de terem sido bloqueadas, de as plataformas ignorarem as denúncias, e de se sentirem desconfortáveis por bloquearem ou denunciarem um familiar ou amigo.

Quando questionados sobre as suas estratégias para manter as crianças seguras online, os cuidadores mencionaram principalmente **as ferramentas de controlo parental**, embora



dois terços dos cuidadores que participaram no estudo tenham afirmado não utilizar essas aplicações. A segunda estratégia mais frequentemente mencionada pelos cuidadores foi **falar com as crianças sobre as suas experiências online e dar-lhes conselhos sobre como evitar riscos**. Os cuidadores afirmaram que, a maior parte das vezes, obtêm informações a partir das notícias e das experiências de outras pessoas. Depois, transmitem essas informações aos seus filhos quando falam com eles sobre questões de segurança na Internet. O estudo mostrou que os cuidadores muitas vezes não têm conhecimentos adequados e, por isso, confiam nos seus pares e nos media. Além disso, os cuidadores sublinharam a importância de garantir um ambiente familiar seguro, **no qual as crianças possam facilmente partilhar as suas experiências**.

As crianças que participaram no projeto VOICE disseram que sabiam que podiam obter ajuda de pessoas físicas, incluindo os seus cuidadores. No entanto, **apenas cerca de 40% das crianças afirmaram que era fácil para elas falar com os seus cuidadores sobre segurança e riscos online**. As crianças destacaram uma série de barreiras que as impedem de discutir estas questões com eles: sentem-se desconfortáveis, receiam potenciais restrições e as reações dos seus cuidadores, e pensam que estes não vão compreender. Além disso, as crianças disseram que era mais provável que falassem com os irmãos, professores ou amigos.



APELO À AÇÃO

As crianças exprimiram uma clara preferência por medidas de segurança online que promovam a autonomia do utilizador (por exemplo, avisos pop-up que ofereçam às crianças escolhas ao mesmo tempo que as sensibilizam). Consideraram também que deviam ser envolvidas na conceção destas funcionalidades e políticas.



Das palavras à ação

As crianças e os cuidadores destacaram a importância de uma maior consciencialização sobre medidas de segurança online que protejam a privacidade, e de promover a participação e a inclusão. Em resposta a estas conclusões, **tos parceiros do VOICE apelam aos governos, reguladores e plataformas digitais para:**

1. Melhorar o conhecimento digital e a resiliência das crianças e cuidadores através de uma educação mais eficaz e de uma maior disponibilidade de informações sobre segurança online;
2. Garantir que os serviços online façam todos os esforços para reduzir o risco de as crianças sofrerem danos.

É essencial adotar medidas legislativas e regulamentares para promover uma cultura de responsabilidade coletiva e preservar o bem-estar online de cada criança.

Apelamos aos governos e reguladores para:

- **Estabelecer quadros jurídicos harmonizados** para garantir a segurança das crianças online em todas as plataformas;
- **Tornar obrigatória a adoção de abordagens de conceção segura para todas as plataformas** de acordo com as recomendações resultantes da consulta às crianças;
- Integrar **o respeito pelos direitos da criança em todas as políticas digitais;**
- **Consultar as crianças** na redação, implementação e revisão das políticas digitais;
- **Implementar medidas para proteger a saúde mental das crianças** no contexto das suas interações online;
- **Desenvolver e fortalecer programas de educação em segurança online** nas escolas, e promover a participação das crianças na sua elaboração;
- **Conceber intervenções ao nível comunitário** para aumentar o conhecimento e a educação sobre segurança online para crianças e cuidadores;
- **Introduzir mecanismos de avaliação dos riscos online** enfrentados pelas crianças e da sua capacidade de resiliência face aos danos sofridos na Internet, mantendo um diálogo constante com as crianças e baseando-se nas avaliações de risco fornecidas pelas plataformas online.

Ações específicas a nível da UE

- No âmbito da Estratégia Europeia para uma Internet Melhor para as Crianças (BIK+), devem ser implementadas iniciativas para **criar experiências digitais mais seguras, dar a todas as crianças, especialmente às mais vulneráveis, instrumentos para se protegerem na internet, e promover a sua participação ativa;**
- **A responsabilização das plataformas digitais deve ser garantida** através de políticas e legislações destinadas a manter as crianças seguras na Internet.



As medidas de segurança online são essenciais para criar ambientes digitais que privilegiem as experiências positivas das crianças, reduzindo significativamente o risco de danos.

Apelamos às plataformas digitais para:

- **Avaliar os riscos** que as crianças enfrentam quando utilizam as suas plataformas e adotar medidas de segurança adequadas;
- **Criar ambientes digitais seguros para as crianças**, nos quais a sua segurança online esteja estreitamente ligada à proteção dos seus dados e informações pessoais;
- **Adotar uma abordagem de conceção segura** garantindo que os parâmetros de segurança e confidencialidade sejam acessíveis e adequados às crianças;
- **Envolver as crianças** na conceção dos seus serviços online e funcionalidades de segurança;
- **Fornecer informações completas e transparentes** sobre os riscos associados ao uso das suas plataformas e as medidas de segurança que adotaram para os enfrentar.

Por último, as organizações de proteção da infância devem continuar a envolver-se ativamente com as crianças e a fazer ouvir as suas vozes nos debates políticos. Além disso, devem continuar a realizar estudos e a implementar projetos que trabalhem *com* e *para* as crianças.

Observações finais

O relatório VOICE salienta a necessidade de uma ação coletiva e o papel essencial que cada parte interessada - quer seja um decisor político, uma plataforma digital, um educador, um cuidador ou uma organização de defesa dos direitos e de proteção da criança - desempenha na salvaguarda dos direitos das crianças no mundo digital. Juntos, podemos abrir caminho a experiências mais seguras para as crianças, tanto online como offline.

A ECPAT International, a Eurochild e a Terre des Hommes Países Baixos apelam a todos os leitores para que reflitam sobre as opiniões das crianças expressas no estudo VOICE, e para que trabalhem em conjunto para tornar o mundo online um lugar melhor para todas as crianças.



O projeto VOICE é uma iniciativa do programa *Step Up the Fight Against Sexual Exploitation of Children (SUFASEC)* da Aliança Down to Zero, em parceria com o Ministério dos Negócios Estrangeiros dos Países Baixos.

A ECPAT International e a Eurochild gostariam de agradecer à *Oak Foundation* pelo seu apoio na realização deste projeto.

As opiniões expressas neste documento são de responsabilidade exclusiva dos parceiros do VOICE. O apoio dos doadores e parceiros listados acima não constitui uma aprovação das opiniões expressas.

Gostaríamos de expressar a nossa sincera gratidão aos estimados parceiros nacionais de implementação nos 15 países envolvidos no estudo, que contribuíram significativamente para o sucesso da pesquisa. Além disso, gostaríamos de expressar a nossa sincera gratidão pela inestimável informação fornecida pelas crianças envolvidas, sublinhando a importância de amplificar as vozes das pessoas diretamente afetadas pelas políticas digitais.*

**ECPAT Austria, The Association for Community Development in Bangladesh, Terre des Hommes Netherlands' Bangladesh Country Office, Fundación Munasim Kullakita, ECPAT Brasil, The National Network for Children, Society "Our Children" Opatija in Croatia, Estonian Union for Child Welfare, Terre des Hommes Italia, Malta Foundation for Wellbeing Society, Terre des Hommes Netherlands, The Center for Empowerment and Development (CoPE), ECPAT Philippines, Bidlisiw Foundation, Instituto de Apoio à Criança, Terre des Hommes Lausanne's Romania Country Office, FAPMI, and The Life Skills Development Foundation.*

